

Natasha Fennell
e Róisín Ingle

**O Bom, o Mau
e o Inconfessável nas
Relações Filha-Mãe**

 Planeta

Para Mary Troy & Ann Ingle

Índice

1. O Momento do Banco	13
2. Uma colaboradora	25
3. Encontrar as filhas	31
4. O Clube das Filhas	41
5. As filhas	47
Maeve: a Filha Atarefada	47
Sophie: a Filha da Loucura	59
Lily: a Filha do Narcisismo	71
Cathy: a Filha Estou-a-Ficar-come-a-Minha-Mãe	85
Grace: a Filha Enlutada Pela Mãe ainda Viva	96
Róisín: a Filha Dependente	104
Natasha: a Filha Dedicada	117
6. Mais duas filhas	127
Anna: a Filha Relutante	128
Debbie: a Filha Decepcionante	141
7. O trabalho maternalístico	159
O trabalho maternalístico da Filha Atarefada	161
O trabalho maternalístico da Filha da Loucura	167
O trabalho maternalístico da Filha do Narcisismo	175
O trabalho maternalístico da Filha Estou-a-Ficar-come-a- -Minha-Mãe	179
O trabalho maternalístico da a Filha Enlutada Pela Mãe ainda Viva	187

O trabalho maternalístico da Filha Relutante	194
O trabalho maternalístico da Filha Decepcionante	206
O trabalho maternalístico da Filha Dependente	211
O trabalho maternalístico da Filha Dedicada	225
8. A última ceia	247
Epílogo – Uma nota de Ann Ingle, mãe de Róisín	253
Uma nota de Mary Troy, mãe de Natasha	258
Pós-escrito	263
Agradecimentos	265

Chegará o dia em que terá de ir à mãe de todos os funerais.

Imagine que podia estar junto da sepultura sem sentir arrependimentos...

O Momento do Banco

É uma terça-feira. Estou num hospital para visitar a minha mãe. O corredor cheira a medicamentos e a vegetais excessivamente fervidos, talvez couves-de-bruxelas. É uma combinação de torcer o nariz e dar a volta ao estômago.

Sempre gostei muito de couves-de-bruxelas cozinhadas com esmero, graças à maneira como a minha mãe as preparava, com castanhas e toucinho fumado. Nunca deixou uma couve-de-bruxelas cozer de mais em toda a sua vida. Se ela conseguir cheirar estes vegetais da sua cama de hospital, isso distraí-la-á por momentos do lúpus que lhe foi recentemente diagnosticado pelo Dr. Kavanagh.

Ah, sim, o lúpus: que nome tão estúpido para uma doença que provoca o caos no sistema imunitário. A palavra soa tão inofensiva e tão pouco assustadora como um açafão ornamental, uma campainha-branca ou qualquer outra flor primaveril que nos ocorra. Porém, é esse mesmo lúpus que me faz estar aqui de pé, diante do elevador, a caminho do quarto 41. É o que a minha mãe tem. Acabámos de o saber. Ela acabou de o saber. O que me leva a achar que, vendo bem, o mais provável é que não esteja a pensar em couves-de-bruxelas. Primo o botão do elevador que parece estar encravado algures, abaixo ou acima. Está suspenso no limbo. Conheço a sensação.

Por fim, lá aparece o elevador. Entro e, instantes depois, saio no 7.º andar. Olho para a esquerda e para a direita à procura do quarto 41. Tenho 41 anos, mas neste momento sinto-me mais como se tivesse 2.

Eu era uma criança muito pegadiça. Passei a maior parte do tempo desde que nasci até aos 5 anos agarrada como uma lapa às pernas da minha mãe. Tenho a recordação fugaz de um supermercado em Galway, com ela a tentar alcançar uma lata de feijão sem que eu a deixasse, pois com isso ficaria separada de mim por vários milissegundos. Devia ser desesperadamente irritante. Mas nunca se queixou. Consigo visualizá-la agora, a sorrir-me enquanto ameaço derrubar a pilha de latas na minha determinação de Nunca a Largar da Mão Enquanto Respirar.

Quarto 41: será este? Não, não é este, aqui só está um velho de aspecto frágil a ver o *Countdown*. A minha mãe não é frágil. Nem chamaria velha à minha mãe, embora, com 69 anos, suponho que outros o fariam. Gosto muito mais da expressão Mais Velho do que do simples Velho. Porque toda a gente é mais velha do que alguma outra pessoa. Os adolescentes são mais velhos que as criancinhas de colo, os octogenários são mais velhos que as pessoas de meia-idade. Velho, por outro lado, insinua um fim. Chegou à Cidade dos Velhos, o seu destino final: por favor, certifique-se de que tem a sua bagagem e uma pelagem facial surpreendente antes de sair do autocarro. Chega. De momento, não quero pensar em destinos finais, sobretudo não relativamente à minha mãe.

E agora aqui estou eu. Quarto 41. Entro, passando pela mulher que aconchega o roupão sobre o corpo quando dá por mim, e dirijo-me ao cubículo mais afastado, do lado direito, mesmo junto à janela. Detenho-me junto à cortina de tecido cor-de-rosa. Respiro fundo.

– Mamã – sussurro. – Sou eu, a Tasha.

Não há resposta.

– Mamã – tento de novo. – Sou eu.

Abro a cortina e vejo uma cabeça coberta de cabelo branco e cinzento a repousar sobre um monte de almofadas. Tem um tubo enfiado no nariz e há um inalador na mesinha-de-cabeceira, junto de uma garrafa de água. A máquina de oxigénio, no chão ao lado da cama, trepida suavemente. Os olhos estão fechados e a cara parece inchada. O peito eleva-se e contrai-se a cada movimento respiratório assistido. Neste cenário estranho, conforta-me a familiaridade da sua camisa de noite amarela, a roupa de dormir favorita da minha mãe, Mary Troy.

Não posso fazer nada senão ficar ali de pé a olhar, receando mexer-me e acordá-la, embora ao mesmo tempo queira desesperadamente que acorde. Avanço em bicos de pés para a cadeira junto à mesa-de-cabeceira, pouso a mala e a roupa de quarto suplementar que lhe comprei. Sento-me na cadeira, de olhos fixos nela. Está tão quieta. Olho para a janela. Não estou pronta para isto.

Mentalmente digo a esta mulher, a pessoa que amo mais do que qualquer outra, aquilo que ainda não consigo enunciar em voz alta: *Isto não pode estar a acontecer. Tu, Mary Troy, não vais a lado nenhum. Ainda agora paraste de trabalhar. Ias passar este fim-de-semana comigo. Disseste que ias ajudar-me a escolher os azulejos para a minha casa de banho e sei que isto parece irrelevante na ordem universal das coisas, mas não conheço mais ninguém que tenha tão bom gosto em matéria de azulejos. Marcámos a nossa viagem ao Egipto e, se não estou em erro, um dia queres visitar as montanhas de gelo da Antárctida. Nem sequer te atrevas a pensar em partir. Ainda quero fazer tanta coisa contigo. Preciso de ti. Precisamos todos de ti. Ainda não chegou a tua hora.*

Sentindo-me culpada por descarregar nela, mesmo que só na minha cabeça, inclino-me e afago-lhe o braço nu. Sinto-lhe a pele macia e frouxa sob os meus dedos. Ela mexe-se na cama e inclina a cabeça na minha direcção, os olhos pesados de sono. Depois, tira o tubo do nariz e murmura: «Oh, olá, querida. És tão boa por teres vindo.»

Tão boa por teres vindo? A cortesia dela é mais do que consigo aguentar. Conversamos um pouco, nenhuma de nós dizendo nada acerca de como realmente nos sentimos. Como se, por um acordo tácito, mantivéssemos a conversa em território neutro. Falamos de um caso de justiça que vem no jornal e da mistela que passa por comida de hospital. Ela confirma que algumas couves-de-bruxelas morreram de facto em vão para fazer parte do almoço. Não há menção ao rápido declínio da sua saúde, ao súbito choque de ela estar ali ou à confusão e desamparo que sei que ambas sentimos. Mas conseguimos ver tudo isso nos olhos uma da outra, sendo essa uma das razões por que não consigo sustentar-lhe muito tempo o olhar.

Ela não diz nada, mas vejo que está outra vez cansada. Despeço-me com relutância, regresso trôpega pelo corredor e golpeio repetidamente

o botão do elevador. «Leva-me para baixo», penso. «Tira-me daqui.» O elevador, finalmente! Primo o R para o rés-do-chão. Onde está o S para Socorro? Chego ao piso térreo e dirijo-me para a saída, empurrando as portas de rompante e afastando-me cada vez mais dela à medida que atravesso cada uma.

Já estou na rua. Equilibro-me apoiada numa parede, a inalar avidamente grandes golfadas de ar isento de couves-de-bruxelas, e encaminho-me para um banco próximo. Nunca aqui estive, mas de súbito reconheço esta peça vulgar de mobiliário de exterior. É este. O Banco que assinala a primeira paragem na estrada que conduz à perda de alguém. Um lugar onde fazemos uma pausa antes de nos atrevermos a contemplar o que de terrível possa seguir-se. Sento-me, gritando interiormente com todas as outras pessoas que aqui cumpriram uma trégua antes de mim. Podem mudar de sítio e deixar este só para mim? Circulem, por favor. Agora é a minha vez. Mas elas são apenas fantasmas e eu estou sozinha.

Vasculho a mala em busca de uma garrafa de água. Quando a encontro, bebo-a de um só trago, como se o líquido proporcionasse uma espécie de cura. Bebo demasiado depressa, engasgo-me e regurgito alguma água de novo para a garrafa. Hoje não há bênçãos. Nem clemência. O meu corpo dobra-se para a frente. Agarro os meus braços sobre a barriga e faço o que senti necessidade de fazer desde que afastei aquela cortina cor-de-rosa no quarto 41. Choro. Choro e, não pela primeira vez hoje, reflecto: *A minha mãe pode deixar-me. Mas ela não pode deixar-me. É a minha mãe.*

Nunca esquecerei essa hora à porta do hospital. Chamo-lhe o meu Momento do Banco. Só de pensar nele, vem-me a sensação do pânico avassalador que me invadiu ali sentada, com todos aqueles pensamentos do que poderia estar por vir a rodopiarem na minha cabeça. Normalmente sou boa em situações de crise. Sou por natureza uma criadora de soluções. Mas não desta vez. Sentada no Banco, sentia-me despreparada, impotente e fora de pé.

Por um lado, estou terrivelmente preocupada com a doença da minha mãe por causa dela, mas, mesmo quando penso na possibilidade de ficar ligada a uma garrafa de oxigénio para o resto da vida, atormenta-me a perspectiva de ela morrer e o modo como a sua perda me afectará.

A mim. Quando penso na morte da minha mãe, as lágrimas que choro são duas partes de desgosto e uma de autocomiseração. E a par dessas lágrimas de pena de mim mesma abate-se uma onda de auto-análise:

Terei sido uma filha suficientemente boa? Ter-lhe-ei dito o quanto a amo? Saberá como estou grata por tudo o que fez por mim? Nos meus 41 anos, o que fiz por ela? Estará ciente do quanto a respeito e admiro como mulher e como mãe? E, se não está, haverá ainda tempo para lho fazer saber?

Esse momento no Banco foi o meu momento de avaliação. Assinala o dia em que comecei a interrogar-me sobre a natureza da minha relação com a minha mãe e comecei a procurar maneiras de apreciar aquilo que temos. Até àquela hora à porta do hospital nunca me confrontara com a ideia de que a minha mãe iria morrer e que eu ficaria para trás. Porém, ali estava eu no Banco, e é aí que este livro realmente começa. É o lugar onde pela primeira vez me apercebi da perda que tenho pela frente e onde reflecti acerca de como irei lidar com essa perda. Todavia, nessa altura, naquela terça-feira aziaga em que me permiti o meu primeiro cigarro ao fim de doze meses, não tinha qualquer noção de por onde começar.

A minha mãe contraiu lúpus há cinco anos. Apercebi-me pela primeira vez de que algo estava errado quando estávamos de férias em Marrocos. Um dia reparou que tinha a pele coberta de manchas feias, que ambas presumimos serem causadas pelo sol intenso. Porém, aquilo que julgáramos ser irritações provocadas pelo calor era afinal lúpus. Trata-se de uma doença em que o sistema imunitário do organismo se torna hiperactivo e ataca o tecido normal e saudável. Traz consigo toda uma variedade de sintomas, incluindo inflamação, inchaço e deterioração das articulações, da pele, dos rins, do sangue, do coração e dos pulmões. Para complicar ainda mais as coisas, foi-lhe diagnosticada hipertensão pulmonar e desde então tem estado intermitentemente ligada a oxigénio.

O nosso relacionamento mudou na primeira fase do diagnóstico. De súbito, a mãe animada e destemida que eu conhecia reduziu-se à dependência do oxigénio e dos filhos para cuidarem dela quando

regressava a casa do hospital. Como família, fomos-nos revezando para garantirmos que havia sempre alguém com ela e, quando eu não podia estar em Galway, falava com ela pelo telefone várias vezes ao dia. Não conseguia afastar a sensação de que, em comparação com aquilo por que ela estava a passar, o meu trabalho e tudo o resto na minha vida era irrelevante. Viver e trabalhar a duas horas e meia de distância da casa dela, em Dublin, onde dirijo uma consultadoria em comunicações com o meu irmão Cilian, implicava que me sentisse constantemente culpada por não estar disponível para ela quando mais precisava de mim.

Enquanto andava a informar-me sobre os pormenores do lúpus e a vasta quantidade de medicamentos que a minha mãe precisava de tomar todos os dias, aconteceu outra coisa.

Num desenvolvimento completamente independente e chocante, comecei a aperceber-me de que estava a escorregar para a típica meia-idade.

Nos jantares mensais que tinha há anos com as minhas amigas mais chegadas, começava a manifestar-se um padrão familiar. Estávamos todas a ficar mais velhas e, tendo deixado os vinte e os trintas para trás, por vezes as conversas resvalavam para o assunto de dores e incapacidades recém-descobertas. Tínhamos começado a falar das Nossas Maleitas. À medida que abríamos garrafas, íamos falando de como os joelhos de uma tinham começado a doer quando subia as escadas. Outra sentia uma pontada bizarra no tornozelo e perguntava-se se andaria a exagerar no Pilates. A minha amiga Moira estava a passar por uma menopausa prematura e tocou-nos a descrição minuciosa dos respectivos sintomas enquanto comíamos *tempura* de vegetais numa noite memorável. Com ela a esforçar-se para transmitir o desconforto extremo do primeiro afrontamento, recuei em pensamento ao tempo em que as nossas conversas versavam em exclusivo sobre os mais recentes homens charmosos das nossas vidas.

A sobrepor-se às nossas queixas físicas variadas, um outro tópico se ia insinuando à mesa do jantar: as nossas mães. A questão surgia com a mesma certeza com que o prato principal se seguia às entradas. «E como está a tua mãe?» Uma a uma, revelávamos o boletim clínico das nossas mães. Eu descrevia ao mais ínfimo pormenor os dados recentes sobre

a doença da minha mãe, como uma especialista – que não era –, pormenorizando os vários tratamentos que estava a fazer. Reproduzia os ditos espirituosos dela relativos à doença: a máquina de oxigénio estava ligada a um comprido tubo no qual estávamos sempre a tropeçar – «Sigam o tubo e acabarão por me encontrar», dizia às visitas. Falava da culpa que sentia quando me despedia dela com um beijo e apanhava o comboio de regresso à minha vida, em Dublin, aos domingos à tarde.

O pai da minha amiga Nora morrera um ano antes e a mãe fora agora diagnosticada com artrite reumatóide, pelo que sabia do que eu estava a falar. Era filha única e tinha de fazer quatro horas de viagem, ida e volta, a casa da mãe todos os fins-de-semana.

– Não tenho a certeza do que é pior. A chatice da viagem ou o sentimento de culpa por me aborrecer de ser obrigada a fazê-la – disse-me.

A mãe de Jennifer estava de excelente saúde e elaborara recentemente uma lista dos presentes de Natal que queria comprar para os netos.

– Ainda estamos no raio de Junho! – encolerizou-se, com o sol a penetrar nas treliças verde-limão do meu quintal.

Nora achou que tinha uma história melhor. A mãe ia ser anfitriã de um clube de leitura e insistia em mandar pintar a sala para a ocasião.

– Expliquei-lhe que ninguém frequentava o clube de leitura pela pintura das paredes, mas ela arranjou quatro tonalidades de tinta verde e quer que eu escolha uma – suspirou. Resmungarmos e rirmo-nos por causa das nossas mães era o que dava vivacidade às nossas conversas à mesa nesses dias.

O que estávamos a discutir era sério, mas conseguíamos sempre largar umas boas gargalhadas. Mal podíamos acreditar como tão grande parte do nosso serão era ocupado com «conversa sobre mães». Eu apreciava aquelas conversas pura e simplesmente porque adoro a minha mãe. É uma mulher inteligente, calorosa e sensata, com a dose perfeita de cinismo. Felizmente, temos muito em comum. Somos o género de pessoa que fica semanas a fio obcecada por algo tão trivial como os copos perfeitos para *gin* tónico, ou tagarelamos ao longo de horas acerca de uma peça de teatro de Brian Friel no Abbey Theatre. Senti-me sempre afortunada por ter uma relação tão próxima com a minha mãe, mas até começar a escrever este livro não tinha a noção exacta da extensão dessa sorte.

No decurso de um daqueles jantares, escutei uma amiga desesperada com a mãe que, apesar de sofrer de cancro, insistia em manter o seu hábito de quarenta cigarros por dia. E outra que precisava de desabafar acerca de uma visita recente da mãe, que passara o tempo todo a criticar o modo como educava os filhos. «Tudo, desde o cabelo do Sam estar demasiado comprido ao facto de eu não ter inscrito a Sarah em lições de música. Ela não consegue evitar.»

À medida que a saúde da minha própria mãe se tornava mais preocupante, eu olhava para a angústia nos rostos das minhas amigas e compreendia que as nossas relações com as nossas mães estavam agora nos nossos espíritos mais do que alguma vez antes. Precisávamos de falar delas. Precisávamos de encontrar alguma espécie de sentido nos nossos relacionamentos com elas antes que fosse demasiado tarde.

Tive uma epifania durante um desses jantares: se as minhas amigas e eu nos sentíamos assim, seria provável que a maioria das outras mulheres na casa dos quarenta também passasse, para o melhor ou para o pior, mais tempo a pensar nas próprias mães.

Isto marcou o início da minha Fase da Interrogação: comecei a dirigir duas perguntas simples a cada mulher que conhecia.

Primeiro: «Tem mãe?» E se a pessoa confusa que eu estava a questionar respondesse que sim, perguntava-lhe: «Está preocupada com a sua morte?»

Num nível muito básico, o que justificava a minha pergunta era o querer sentir-me menos solitária no meu pânico. No entanto, tinha também curiosidade de saber se as outras pessoas alguma vez haviam pensado na morte da mãe e antecipavam como se sentiriam quando ela morresse. Contudo, mesmo que na altura não tivesse consciência disso, agora sei que era uma curiosidade nascida do interesse pessoal. Precisava de saber como lidavam as outras pessoas com o assunto para que eu própria pudesse lidar melhor com ele.

Portanto, se me aparecia uma mulher e me era socialmente apresentada, fazia-lhe estas perguntas. Colocava-as em jantares, exposições de arte, esteticistas, comboios. A reacção era instantânea. Esvaía-se a cor das faces das pessoas que interrogava. Ou reviravam de imediato os olhos antes que conseguissem controlar-se. Mesmo que comessem por dizer que o assunto era demasiado pessoal para o discutirem,

acabavam sempre por me falar do relacionamento que tinham com as mães. O bom, o mau e o sentimento de culpa. Sempre o sentimento de culpa. Só o referir as palavras «mãe» e «morrer» provocava um terramoto emocional nos rostos das mulheres com quem falei. Num dos casos tive um diálogo memorável, num avião de Nova Iorque para Dublin, com uma mulher que respondeu à minha pergunta acerca da mãe dela dizendo:

– Não suporto estar na mesma sala que ela, se quer saber. Discutimos a maior parte do tempo. Ainda assim, mesmo quando estamos a discutir, tenho pavor do momento em que ela desaparecer. Assalta-me nas alturas mais estranhas. Nem sequer quero pensar nisso. – Ao cabo de duas horas ainda falava.

Essas conversas mostraram-me que, fosse qual fosse o seu relacionamento, as mulheres da minha idade tinham imenso a dizer sobre as mães.

Outras perguntas que comecei a formular foram: «Considera-se uma boa filha?» «Poderia ser melhor filha do que é agora?» Quando hoje olho para trás, vejo que foi aí o início da minha preparação. Via a beira traiçoeira de um precipício surgir à minha frente. Queria estar pronta quando a vida viesse e me desse um empurrão. Queria preparar-me para um tempo em que a minha mãe já não estaria por perto.

Mas como? Bem, isso consistiria em lançar um olhar inquiridor sobre o meu relacionamento com a minha mãe. Ao longo dos últimos cinco anos, o pavor de a perder tem ocupado de tal modo os meus pensamentos que decidi escrever este livro. Este não visa apenas os meus medos e o meu relacionamento com a minha mãe, mas as filhas em geral e as nossas tentativas de levar a bom porto a mais complexa, exasperante, jubilosa, confusa e duradoura das relações das nossas vidas.

As livrarias físicas e virtuais abundam em manuais de puericultura, mas dificilmente se encontra algum que se debruce sobre o modo de tornar a vida com a nossa mãe tão gratificante e salutar quanto pode ser. Quanto mais pensava nisso mais sentia que havia necessidade de um livro que ajudasse as filhas a reflectir sobre o relacionamento que têm com as mães e que as ajudasse a actuar em consciência para aperfeiçoar essa relação tanto quanto possível, sobretudo naqueles anos derradeiros. Um livro que as ajudasse a navegar pelos últimos anos do seu relacionamento. Um livro acerca da pessoa por que muitas de nós sempre ansiarão

e para quem se virarão em momentos difíceis – a mulher com mais aptidão para nos acarinhar, confortar e irritar do que qualquer outra no mundo. Uma mulher. Para o melhor ou para o pior. A nossa mãe.

Desde o momento do Banco que tenho estado em missão e, ao ler este livro, esta missão é também sua, se optar por aceitá-la. Imagine que lhe era possível estar junto da sepultura da sua mãe sem sentir arrependimentos. Bem, sejamos realistas, quase nenhuns arrependimentos. Imagine se, quando ali estivesse, pudesse sentir-se confiante, ainda que por entre o desgosto, de que dera o seu melhor, sobretudo no capítulo final das vossas vidas em conjunto.

É sobre isso que este livro se debruça. Trata de coisas a fazer com e pelas nossas mães que valorizarão o nosso tempo e o nosso relacionamento com elas à medida que envelhecem. Tem que ver com proporcionar prazer às nossas mães, quer se pense que elas o merecem ou não. Isto dar-se-á de forma natural para algumas de nós e será um desafio maior para outras. Tem também que ver com o reconhecimento de que pode não haver nada a fazer, além de aceitar que a relação está tão distante quanto possível da versão hollywoodesca das ligações mãe-filha. Não se fazem cartões para o Dia da Mãe destinados a filhas que não se dão bem com as mães. No entanto, as filhas que não gostam das mães enviam-nos à mesma. Costumam é estar em branco por dentro, sem a mensagem floreada.

Eis o que descobri ao falar com as filhas: somos loucas pelas nossas mães. Ficamos loucas com as nossas mães. E em muitos casos enlouquecemos com o sentimento de culpa derivado da ideia de que a nossa relação mãe-filha pode não ser suficientemente boa. Temos de conseguir lidar com tudo isto antes que seja demasiado tarde.

O título original deste livro, aquele que eu sabia ser pouco provável vir a aparecer na capa, era *Dez Coisas para Fazer com a Sua Mãe antes de Ela Morrer*. Havia nele um sentido de urgência macabro porque aquilo que estamos a tentar fazer é urgente em todos os sentidos. Não há uma maneira agradável de dizer isto: a sua mãe vai morrer. O mais provável é que ela bata a bata – ou, no caso da minha mãe, as alpargatas de cabedal e biqueira redonda – antes da leitora. Se sentiu a necessidade de comprar este livro, ou se alguém lho ofereceu, atrevo-me a conjecturar que o relacionamento mais complexo da sua vida está agora nos seus anos

crepusculares. Em termos do futebol, estamos nos derradeiros momentos do prolongamento.

Partes deste livro podem não ser fáceis de ler, sobretudo se o relacionamento com a sua mãe não estiver no seu melhor. Algumas ideias podem parecer inconcebíveis. Uma das minhas sugestões é que ajude a sua mãe a planear o seu funeral. Para muitas pessoas é algo que pode ser duro de ter em consideração. As coisas que vamos examinar neste livro são simples, directas e, em muitos casos, de uma evidência ofuscante. Isso, porém, não significa que sejam fáceis.

Se a leitora é uma das afortunadas cujo relacionamento com a mãe não carece de nada mais do que de uma revisão filial, então este livro é a sua oportunidade para tornar ainda melhor algo que já é verdadeiramente positivo. Para outras, a leitura deste livro pode ter apenas que ver com encontrar maneiras de tornar suportável um mau relacionamento. Ou encontrar maneiras de aceitar que o mau relacionamento, do género que por norma não vem descrito nos cartões do Dia da Mãe, nunca mudará. Ou encontrar maneiras de perdoar. Acima de tudo, porém, este livro tem que ver com interrogações. Interrogações do tipo:

Como assegurar que quando ela partir ficaremos em paz com o modo como nos comportámos com ela quando estava presente?

E:

Como nos sentiremos quando ela morrer se deixarmos as coisas exactamente como estão?

As respostas serão diferentes para toda a gente. O facto de estar a ler este livro indicia que, sejam quais forem as suas circunstâncias, estamos todas no mesmo barco, a esquadrihar um horizonte semelhante. A paisagem pode ser diferente, mas o destino é o mesmo. Um dia estaremos de pé diante de uma campa, ou num crematório, ou a ler um elogio fúnebre na mãe de todos os funerais. E iremos sentir remorsos. Aquilo que estamos a tentar fazer é minimizar esses remorsos. Não amanhã, não na próxima semana, mas já. Enquanto ainda podemos.